

LIVRO DE REGISTROS

FIDJI

Ana Cecília Carvalho

Curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas — 3º ano

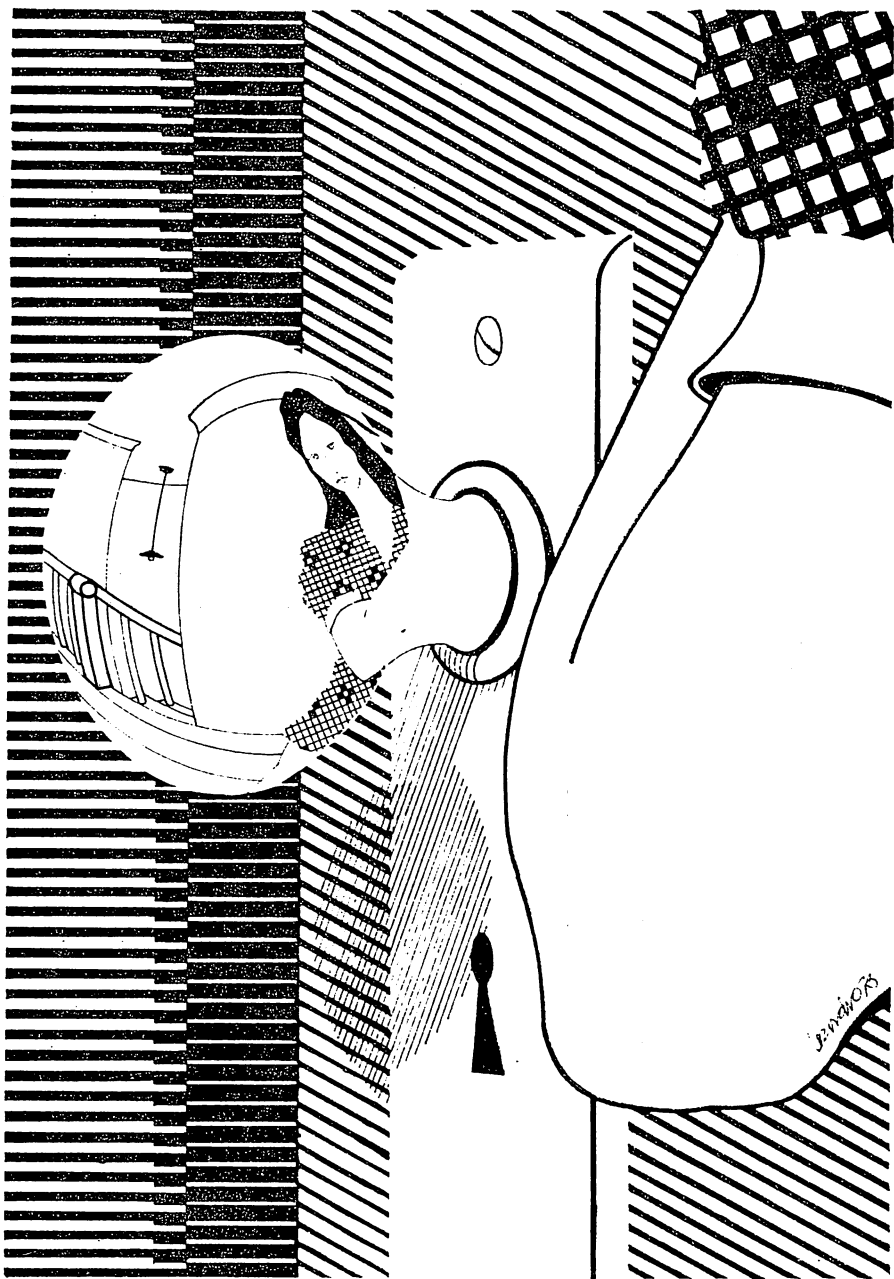
Ele chegou carregando um casaco na mão e um ar empoeirado de cansaço e olhei para ele perguntando se queria um quarto sim claro que sim afirmou com o queixo sem me ver e logo sentando perto da janela de costas para mim com certeza interessado na rua no que se passava nos jardins da praça e um pouco surda por causa da música dos alto-falantes informei em voz alta o número do quarto e agitei as chaves ele se voltou na minha direção e disse que ia ficar só até o dia seguinte que por gentileza eu o acordasse às quatro horas da madrugada sim senhor eu estava ali para servi-lo ele tossiu e bocejou sempre não me enxergando e corri na frente dele para lhe indicar o caminho da escada e esbarrei nele com a minha pressa o coração querendo saltar e ele deve ter demorado alguns segundos para subir os degraus que para mim duraram horas e de repente ouvi sua porta se fechando e a música que vinha da praça parou um instante tudo me colocando sem ar pendurada no meio daquele silêncio súbito

no qual ainda lutei contra aquela sensação anestesiada de ampulheta que não pode ser virada para o outro lado impedindo o tempo de continuar e pensei que a vida estava paralizada quanto tentei mover os lábios e as mãos e tudo doeu

então imaginei que devia ser aquela a dor das estátuas quando são removidas depois de muitos séculos de um museu para o outro pensei que aquela devia ser a sensação de Inger a menina que pisou no pão de seus pais para não sujar os sapatos Inger que se devorou por dentro no longo castigo da eternidade até se transformar numa frágil casca irremovível oca por dentro e dolorosa de solidão .

e foi ou a música da praça que recomeçou ou uma das pessoas hóspedes entrando ou a necessidade de respirar outra vez que me puxou violentamente de baixo para cima e eu emergi para os sons e para o movimento do final do dia olhei para o livro de registros e alguém gritou da porta que era hora de acender as luzes e eu envergonhada dentro dos cabelos soltos apanhados em flagrante fui acender as luzes e a voz de um dos meus pais soou afiada que eu parecia uma prostituta daquele jeito despenteada e escondida no escuro e eu fui imediatamente para o meu quarto em parte um pouco aliviada porque eu poderia vestir uma outra roupa melhor e ir avisá-lo que o jantar seria servido às sete horas e então eu poderia também levar o jantar no quarto dele se ele quisesse e já com o coração acelerado pela possibilidade corri e vesti o único vestido de flores para ficar parada à porta do seu quarto batendo repetidas vezes completamente sufocada sem saber o que dizer como chamá-lo esperando que ele respondesse mas ele não respondeu e eu coleí meu rosto à sua porta para ouvir pelo menos o ruído de seu sono e não ouvi

e eu voltei amarga para o livro de registros perto de onde reuniam-se as pessoas para conversar e esperar pela refeição eu devia parecer muito diferente dos outros dias porque todos me perguntaram se eu me sentia bem e alguém disse que eu precisava casar e ter filhos e um dos meus pais disse que isso era idéia antiga que eu devia continuar os estudos primeiro enquanto eu fingia estar lendo alguma coisa encapada de amarelo e me sentia má como as serpentes e procurava não ouvir e imaginava que prazer era aquele dos minutos arrastarem-se dentro das horas como se se vingassem e do sangue



aproximando-se da superfície da minha pele e afastando-se subitamente cada vez que eu tentava achar um sentido que prazer da angústia crescendo em palhas dentro da minha boca?

Assim até o final do jantar que os outros consumiram e encheram de conversas afogadas na sopa e eu não pude parar nem um pouco nem me lembrei de caminhar até o jardim e tocar a porcelana desagradável dos anões da cegonha e houve um pequeno momento de vazio perto do livro de registros quando eu ousei sentir o peso do sono que me assustou com suas correntes irremediáveis para dentro da noite e fiquei andando em círculos no meio da sala para fora dessas correntes aquecidas eu não podia me esquecer da possibilidade das quatro horas e era para isso que eu tinha vivido até aquele dia e eu não deveria perder o que foi certamente difícil com todas as pessoas me perguntando porque eu não ia me deitar e eu mentindo qualquer coisa para finalmente debruçar à mesa do livro de registros e me esquecer por completo de todas as coisas no meio do silêncio daquela noite maior que as outras

até quando eu acordei e eram exatamente quatro horas e corri para a porta do quarto dele morrendo de orgulho por não ter falhado e quem sabe ele poderia reconhecer e então entrei pela porta que estava não sei como aberta e ele naturalmente não estava mais lá só o lugar onde ele talvez tenha dormido e o frio de uma surpresa sem solução e eu me deitei na sua cama eu estava seca e fina como os caniços e dormi outra vez até as primeiras horas do sol quando meus pais passaram pela porta aberta e me viram abandonada e começaram a me encher de perguntas eles pensavam que eu tinha dormido com ele oh meu deus todos pensaram e queriam saber com quem tinha sido por que eu não tinha escrito o nome dele no livro de registros?